

Nota da Autora

Poucas organizações capturaram a imaginação coletiva do mundo como a Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, talvez por ter criado uma dupla e antagônica imagem de absoluta devoção e de indecorosa heresia. Nascida para servir os pobres e os peregrinos em Jerusalém, a Ordem acumulou grande fortuna e transformou-se numa espécie de entreposto bancário que operava transferências e financiava a monarquia francesa, despertando, assim, o malicioso interesse de Filipe, *o Belo*. Por muito que se tenha escrito sobre o assunto, a extinção dos Cavaleiros do Templo permanece, até aos nossos dias, envolta numa nuvem de mistério e secretismo.

Outra incógnita, a qual perdura pela ausência de uma explicação completa, diz respeito ao enorme enriquecimento do nosso rei Dom Dinis. Tendo como certo que herdou um reino definido, com rendimentos assegurados, os quais aumentou através de várias medidas de alcance interno e externo, o monarca reuniu uma exorbitante fortuna num período de vinte e cinco anos, de 1299 a 1325. Contudo, numa época em que as transações económicas se desenvolviam de modo consideravelmente lento, terá essa riqueza sido apenas fruto das diversas receitas provenientes do reino? Procurando outra explicação complementar, a linha de raciocínio conduz alguns investigadores ao famigerado tesouro dos Templários.

Ao longo dos séculos, muitos lugares europeus, e mesmo Jerusalém, foram associados ao dito tesouro. Em Portugal, a investigação daqueles que defendem que a Ordem trouxe para o reino parte do rico espólio que se encontrava na Torre do Templo, a casa-mãe em Paris, aponta para três locais. Dois deles são Almourol, bastião militar da Irmandade, e Atouguia, outrora zona portuária da Serra d'El-Rei. Contudo, um dos trabalhos mais consistentes considera que o nome Portugal resultaria de uma composição (Port-u-graal) e de que o tesouro seria o próprio Santo Graal (entendido por muitos não como um cálice físico, mas como a sabedoria ancestral da alma humana), trazido para a fortaleza de Tomar, a sede portuguesa. Se bem que a maioria pense que o tesouro seria um conjunto de peças valiosas, lingotes de metais preciosos e moeda, outros consideram tratar-se de uma coleção de mapas antigos e de diversas informações geográficas, as quais viriam a ser utilizadas para o desabrochar dos Descobrimentos na designada «Escola de Sagres».

Partindo de documentos oficiais preservados no Arquivo da Torre do Tombo e noutros cartórios, este romance estabelece uma ligação entre factos verídicos e ficção, construindo uma trama de possíveis desenvolvimentos do quotidiano de Dom Dinis, preenchendo, desse modo, lacunas que a História se vê impedida de esclarecer por inexistência de fontes.

Para resolver o enigma que um manuscrito encerra, ressurgem Eunice Bacelar, a investigadora de *O Segredo de Afonso III*, personagem criada pela autora e que facilmente se apaixona por seguir pegadas encobertas, mas indeléveis, do passado medieval. Eunice e Matteo, o marido, iniciam uma pesquisa empolgante que porá em evidência a possibilidade de uma relação secreta entre Dom Dinis e a Ordem do Templo.

I

Paço de Frielas, 14 de outubro de 1307

Um homem de estatura média, faustosamente vestido, esfrega as mãos frente a um crepitante fogo, num movimento brusco, ansioso. É o senhor Dom Dinis, e a sua perturbação advém do facto de aguardar uma visita proibida. O rei de Portugal espera encontrar-se com um todo-poderoso que acaba de ser declarado proscrito pela lei de Deus. Alguém cuja cabeça está a prêmio não apenas no reino, mas por toda a cristandade.

— Temos notícias? — pergunta ao seu fiel Afonso de Armes.

— Ainda não, meu senhor. A madrugada vai alta, mas a Santa Sé tem espias que não dormem. Ai, se o apanham... Temo que não consiga cá chegar.

— Chegará. Tem de chegar, ou saio por esse breu fora ao encontro dele.

— Que tal nem vos passe pela cabeça! Colocar-vos-eis em grande risco. A excomunhão não vos assusta? — intimidou-o o guarda.

Dom Dinis lançou-lhe um olhar, tanto de censura como de estupefação:

— Isso dito por vós!... Não o tomarei como ameaça, porque vos conheço bem. Mas é caso para vos perguntar quem me poderia denunciar, se sois o único que sabeis disto.

O escudeiro ofendeu-se:

— Senhor, apenas temo que vos exponhais demasiado por quem pode não merecer tal esforço. Mas os meus lábios nunca se abrirão. Que morra desonrado se o pensar fazer.

— Bem sei, bem sei — admitiu o rei, acalmando-se. — Mas esta espera desespera-me. O meu bom governo depende, em parte, desta reunião. Há anseios que, finalmente, poderão ser concretizados depois da nossa conversa.

— Não ponhais as vossas expetativas tão altas — aconselhou Afonso de Armes. — E se tudo o que consta é verdade?

— O quê? Acreditais?! Sei o que mereciam esses sacripantas, esses beatos fingidos que os acusaram... Mas logo verei, depois de falarmos. O fundamental é que ninguém sonhe, sequer, que vem cá.

— Regresso ao pátio de armas para vigiar o que se passa — rematou o oficial, saindo.

E o rei voltou a sentar-se à mesa, compondo uma cantiga e procurando nesse labor a tranquilidade que lhe fugira.

Entretanto, galopando no seu ágil corcel, um bravo corta o denso bosque que separa Azambuja de Frielas. Deixou Tomar pela alvorada e está prestes a atingir o seu destino quando, algures, um sino bate as completas. Envolto num manto branco, no qual sobressai a cruz vermelha de hastes simétricas, qual fantasma do templário Dom Fuas Roupinho, o cavaleiro trespassa a densa mata. É uma noite fria, como costumam ser as do rigoroso inverno. Contudo, não chove, e o luar, ainda que frouxo, fornece alguma luminosidade ao caminho. A copa afunilada dos pinheiros projeta sombras irreais na face resplandecente da lua cheia, e o viajante, de idade respeitável, mantém-se alerta. Os pensamentos saltam-lhe em catadupa e oscila entre ser resiliente, encarando a adversidade, e desaparecer para sempre, deixando em seu lugar o silêncio. Um dilema difícil de resolver.

A imagem de um irmão empunhando a espada, pronto a tirar a vida a um infiel, suspende-lhe o fôlego. Tantas vezes o presenciara e o fizera. Matavam em nome de Deus, em nome de Cristo, em nome daqueles que agora os queriam mortos, sem razão. A invocação arrepiou-o, pois sabe-se rodeado de perigos. E não teme o lobo, o javali

ou o lince que pululam pelos bosques, mas os homens da sua Igreja, que agora o perseguem.

Deteve a montada ante o portal em arco de uma fortaleza imponente. O tropel alertou a sentinela, que abriu o postigo.

— Quem sois?

O viajante não respondeu, nem se descobriu. Encostou a montada ao postigo e enfiou um rolo de pergaminho selado a lacre através de um dos diminutos quadrados da grade.

— Esperai pela resposta — advertiu o soldado, levando o documento.

A portinhola fechou-se. Um sussurro de vozes trespassa do outro lado. Alguém se afasta em passo enérgico. Momentos depois, voltam os passos, ouvem-se as trancas a deslizar e a chave dá três voltas no ferrolho. Uma das folhas da robusta porta de madeira entreabre-se para deixar entrar o forasteiro. No pátio de armas, um escudeiro caça as rédeas do cavalo junto ao bridão e obriga-o a tomar a direção de uma entrada baixa, ao lado direito.

— Desmontai e segui por aqui — indica, mostrando a passagem.

Do outro lado do pátio, as sombras da noite protegem um vulto dissimulado que observa quem chegou. Reconhecendo a pessoa envolta na veste alva dos Templários, decide: há alguém que tem de saber. Sorrateiro, dirige-se ao estábulo e arreja a sua montada, preparando-se para partir. Há uma missão que precisa de ser realizada.

Entretanto, o cavaleiro apeou-se e penetrou num estreito e baixo corredor até atingir uma salinha.

— Graças a Deus! Temi que não conseguísseis cá chegar...

Com uma vénia, o recém-chegado sossegou-o:

— Mas cheguei, meu senhor! E não precisei de escolta.

O hospedeiro alarmou-se:

— E vindes assim... coberto com essa capa do Templo que tanto vos identifica?

— A isso estou obrigado. Jurei usá-la até à morte.

— Eu sei... mas por agora seria conveniente que esquecêsseis o juramento. Deus perdoar-vos-á, pois trata-se de salvar o que é Dele. Mas... que sabeis de França?

— Pouco... Pelo menos nada com detalhe, apenas o suficiente para estarmos todos aterrados. Cinco mil dos nossos foram capturados por todo o reino. O grão-mestre, Jacques de Molay, e os que o acompanhavam continuam presos numa das masmorras de Filipe IV, acusados de crimes que não cometeram.

— A carta que recebi desse monarca diz que todos eles confessaram...

— E quem não confessa seja o que for sob insuportáveis torturas? Esse biltre devia estar no lugar dos que prendeu! Está cego de ambição! Quer denegrir-nos aos olhos do papa. Quer acabar com a Ordem e apropriar-se dos seus bens, a fim de superar a crise financeira em que se atolou. Seríeis vós, senhor, como rei de Portugal, capaz de coisa tão vil?

Dom Dinis cofiou os hirsutos pelos ruivos que lhe escondiam a boca e lhe desciam até ao sopé do pescoço:

— Freire, é assustador o que alguns seres humanos fazem com motivação. E vós, mais do que eu, já que combatestes na frente os sarracenos, tereis presenciado atos brutais. Mas se é verdade que um reino tão poderoso como o de França está falido, a vossa fortuna é um fortíssimo incentivo. A vossa Ordem é a mais rica organização religiosa e militar do mundo!

— Mas isso é uma utopia! Lá porque éramos os guardiões do tesouro real francês, não significa que o tivéssemos roubado. A Ordem possui propriedades, mas não arcas cheias de moedas...

— Propriedades geram rendimentos... ambos o sabemos. E também sabemos que emprestastes dinheiro a príncipes e financiastes Filipe IV, de quem sois credores. O vosso poder tornou-se maior do que o de muitas monarquias e do que o da própria Igreja. Mas mesmo que seja essa a razão, as imputações que esse rei vos faz nesta carta — e apontou para o documento sobre a mesa — são extremamente graves... Adoração de falsos ídolos, negação de sacramentos...

— Tudo falso! O ídolo de que falam é uma cabeça de Santa Úrsula, que contém as suas relíquias e se encontrava no centro do altar.

O monarca não se deixou convencer e apertou um pouco mais:

— Acusa-vos de venderdes a alma ao diabo e de o adorardes na forma de um enorme gato, além de sodomia e de outras bestialidades e blasfémias, como cuspir na cruz e pisá-la!

— Esse Filipe, sim, é o próprio diabo. Chamou o nosso grão-mestre ao funeral de Catherine de Courtenay, sua cunhada, que era imperatriz titular do reino latino de Constantinopla, e entregou-lhe a honra de carregar o manto dela nas exéquias. Mas logo na madrugada seguinte, a da passada sexta-feira treze de outubro, mandou capturar todos os Templários de França. Foi uma cilada. Esse dia do calendário ficará para sempre como uma data de maldição.

— O problema é que Clemente V acredita nele.

— E não haveria de acreditar? Foi o rei quem pressionou os cardeais para que o elegessem. Se agora é papa, a Filipe IV o deve.

— Tendes razão. Foi público o escândalo da sua eleição. Além de francês, era arcebispo de Bordéus e muito próximo da corte.

O mestre templário português soltou uma arfadura de desespero, qual zunido do frio e violento aquilão contra a torre do Paço Real de Frielas.

— E agora, o que nos resta? Dado que se perdeu a Terra Santa para sempre, já ninguém nos reconhece utilidade. Com esta indigna perseguição, estamos todos desbaratados por esses reinos fora...

O soberano tentou dar-lhe ânimo:

— Na verdade, o propósito com que a Ordem foi criada não foi alcançado: Jerusalém voltou para as mãos dos turcos. Mas cá, na Hispânia, ainda há esperança, pois a vossa ação nas lutas da Reconquista Cristã foi e é bastante valiosa.

— Estamos aqui desde o tempo da condessa Dona Teresa, vossa tetravó. Se perdemos na Terra Santa, inúmeros serviços prestámos antes e depois às monarquias. Se hoje a Península é cristã, muito nos deve.

— Também vos recompensámos — Dom Dinis não deixou esquecer. — Mas por isso vos digo que nada está perdido, mesmo que de Avinhão chegue ordem para vos prender.

— Assustais-me, senhor! Más novas tendes para me dar, por certo.

— Ainda é cedo. Mas há de chegar uma bula que vos mande capturar.

A palidez tomou a pele do rosto do templário, que perguntou, pouco sereno:

— E pensais cumprir essa vergonhosa ordem?

— Descansai, que não farei tal. Tenho para com os Pobres Cavaleiros de Cristo uma fidelidade que muitos dos meus mais chegados vassallos não demonstram para comigo.

Embora estas palavras tivessem sido proferidas em tom ligeiro, sobressaía delas uma mágoa conhecida por muitos: o dissabor da ingratidão dos que nos devem amor e fidelidade. Na verdade, uma considerável parte das antigas linhagens do reino afastara-se do soberano em busca de maiores compensações junto do infante sucessor, um jovem cuja rebeldia contra o progenitor se havia há muito declarado.

Frei Vasco Fernandes, mestre da Ordem do Templo em Portugal, curvou-se em reverência, exclamando:

— Não duvidamos da vossa proteção, senhor! Mas Dom Vasco Martins de Alvelos, o bispo da Guarda, já contestou a nossa posse de Idanha e de Salvaterra, alegando que as obtivemos de forma fraudulenta e que, por isso, ambas pertencem à sua Sé. Atrás dele outros virão. Seremos alvo de constantes ataques daqueles que pretendem roubar-nos.

— Pois se em França já nada tendes, é certo que muitos estarão filados no que é vosso. Que quereis que faça? Lutai vós pelo que vos pertence. Juntai os mestres de outros reinos e apresentai-vos ao papa, para que vos ouça.

— Nem pensar! Seria um risco inútil e fatal — afirmou o cavaleiro. — Este acossamento infame tem por fim arrebatar-nos o património, para que Filipe IV enriqueça à nossa custa e reúna condições financeiras para continuar a luta contra o poder inglês, o qual ocupa parte considerável do seu território. Tudo reverterá para o papado, que, estando em Avinhão, se encontra sob a influência direta do rei.

— Conformai-vos. Se não provais a vossa inocência, tereis de entregar os bens para conservar o corpo — admitiu Dom Dinis.

Desolado, o mestre recitou a divisa dos Templários:

— *Non nobis Domine, non nobis, sed nomine tuo ad Gloriam* [Não a nós, Senhor, não a nós, mas pela Glória do teu nome]. Todas as

nossas ações foram realizadas em honra desta máxima. Somos centenas por esses reinos fora. De que viveremos agora?

— Quanto a isso, nada posso fazer. Mas proteger-vos-ei de outro modo. Não vos entregarei. Se for preciso, escreverei ao papa informando-o de que vos escapastes todos deste reino a fim de vos defenderdes das acusações. Portanto, escondi-vos bem. Abandonai Tomar e os vossos castelos. Deixai o reino e espalhai-vos por terras estranhas se quereis continuar livres e escorreitos.

Do corpulento tórax do templário exalou-se outro sopro impetuoso e irascível.

— É duro e triste observar a queda de uma congregação que apenas desejou cumprir a lei de Deus e libertar o povo cristão. É penoso que homens de fé tenham de fugir para provarem a sua inocência. Se é que algum dia o poderemos fazer.

O soberano consolou-o:

— Freire, já não se trata de impor uma fé, mas de dominar as regiões de onde brota a riqueza e de cometer as maiores carnificinas para o conseguir.

Frei Vasco pareceu em desassossego perante visões aterradoras:

— Os que escapam das batalhas que por lá se travam relatam factos inimagináveis! Que no Templo de Salomão o sangue chegou aos joelhos dos cavalos...

O rei fez um gesto de desprezo e acalmou-o:

— Que se matem à vontade. No dia do Juízo Final, Deus saberá distinguir os seus. Agora tereis de tratar da vossa vida e da dos vossos, se não quereis acabar nas masmorras de Avinhão ou de Paris, o que não vos traz qualquer benefício.

— Se não há outro remédio, acataremos a vossa sugestão. Ir-se-ão os dedos, mas ficarão os anéis — proferiu o mestre, para logo se arrepender.

O monarca voltou a cofiar a barba cerrada e lançou-lhe um sorriso matreiro:

— Afinal, sempre tendes muito a esconder...

Dom Vasco Fernandes mirou Dom Dinis de soslaio, assustado:

— Foi apenas um modo de falar. Os anéis são as terras, os edifícios, os muros.

O rei exasperou-se:

— Mestre, não me mintais!

O templário tentou justificar o falhanço:

— Acredito que tenha havido muito ouro em Jerusalém e em Acre, mas não aqui. Se alguma dessa riqueza restou, foi gasta ao tentarmos recuperar a Terra Santa nestes cento e vinte anos que passaram depois da sua conquista por Saladino.

— Ora, Dom Vasco... E a Torre do Templo, a vossa fortaleza em Paris? Um autêntico reino dentro de outro reino! Quereis que acredite que não havia lá tanto dinheiro, tanta prata e ouro que justificassem o que Filipe IV vos fez? Todos falam desse tesouro...

— Senhor, as gentes criaram a fantasia de que estavam à nossa guarda objetos sagrados de grande valor. Mas tal não é verdade. Todavia, o francês deitou a mão ao que quer que lá existisse e por cá... há pouco.

O monarca semicerrou os olhos, mostrando desconfiança:

— Alguma coisa há de haver... Também se falou dos vossos navios que desapareceram misteriosamente, na véspera das prisões, carregados de bens preciosos. E não me refiro às patranhas da Arca da Aliança ou do Santo Graal. Com tantas rendas e taxas que recebeis, fértil deve ser o vosso pecúlio.

Vasco Gonçalves temeu evidenciar a sua perturbação. O episódio da frota não era um boato. Os barcos haviam zarpado de La Rochelle para destinos diversos, que poucos conheciam. Um pequeno número deles rumara a um porto mercantil e pesqueiro português, o qual atingira durante a noite. Permaneceram fora da barra e de terra saíram as barcas dos cavaleiros lusos para aliviarem as galés da valiosa carga. Tudo tinha sido transportado para Santa Maria do Olival, no mais completo secretismo. E assim deveria permanecer.

A hesitação na voz do monge-militar revelou desconforto, embora o rei atribuisse a vacilação aos preparativos da fuga:

— Não nego que existem alguns milhares de morabitanos, mas somos muitos e precisamos de pagar a quem nos esconda...